

● Parada Gay de São Paulo: Evento de ● Compromisso Social ou uma Grande Festa na ● Avenida Paulista? Eventos e Lazer

Ângela Smaniotto Chiochetta (angelasc@uol.com.br)* e
Daniella Tebar Avena (daniellatebar@hotmail.com)**

Resumo

O presente artigo aborda a Parada Gay de São Paulo, tendo como base central a visão turística do evento, o compromisso social e a diversidade cultural e sexual. Sabe-se hoje, que este evento gera um grande número de turistas e receita para a cidade de São Paulo, recebendo em 2005, segundo os organizadores, 1,5 milhão de pessoas. Realiza-se desta maneira, um estudo da homossexualidade brasileira, mas por via da territorialidade, ao invés de centrar a análise numa suposta identidade homossexual comum. Por meio de um levantamento histórico e bibliográfico, de conversas informais e da observação participante, compreende este evento como a dramatização de uma vivência homossexual no Brasil, particularmente na capital do Estado de São Paulo e das possibilidades de socialização de indivíduos que sofrem preconceito por conta de sua orientação sexual. Neste sentido, questiona-se aqui se este evento tem um cunho social relevante, gerando discussões positivas sobre a temática e se os empresários do setor turístico estão preparados e dispostos a receber esta parcela da população.

Palavras-chave: Parada Gay. Homossexualidade. Compromisso Social.

Abstract

The present article approaches the Gay Parade of São Paulo, having as central base the tourist vision of the event, the social commitment and the cultural and sexual diversity. It is known today, that this event generates a great number of tourist and budget for São Paulo city, receiving in 2005, according to its organization, 1,5 million of people. It is become fulfilled in this way, a study of the Brazilian homosexuality, taking the territoriality, instead of centering the analysis in a supposed common homosexual identity. By means of a historical and bibliographical survey, of informal colloquies and the participant comment, it understands this event as the dramatization of a homosexual experience in Brazil, particularly in the capital of the State of São Paulo and the possibilities of socialization of individuals that suffer prejudice because of its sexual orientation. In this direction, it is questioned here if this event has an excellent social matrix, generating positive quarrels on thematic and if the businessmen of the tourist target are prepared and made use to receive this parcel from the population.

Key-words: Gay Parade. Homosexuality. Social Engagement.

A parada gay: um histórico evento

Durante os anos de 2000 a 2005, realizou-se na Parada Gay de São Paulo, uma observação participante específica do evento, tendo como objetivo inicial um estudo acerca da identidade homossexual. Partindo dos estudos relacionados à hotelaria e ao turismo, bem como os estudos de gênero e da homossexualidade, encontrou-se a possibilidade de pesquisar não a identidade homossexual, mas uma leitura sobre a utilização de espaços onde são realizados estes eventos, ou seja, um estudo da territorialidade, em que a ocupação física e simbólica pode apontar para uma especificidade da homossexualidade na cultura brasileira.

Assim sendo, este trabalho fará uma análise do uso do espaço contemporâneo, tratando a área abrangida pela Parada Gay de São Paulo e seus arredores como um reduto reconhecidamente homossexual, ou seja, um conjunto de território marcado por uma determinada sociabilidade¹. Esta sociabilidade é chamada neste artigo por GLBT².

Segundo Magnani (1996) entende-se a sociabilidade como um conjunto de relações ou de múltiplas apropriações, usos, costumes, olhares, discursos e representações que se faz de determinados espaços, como se percebe em São Paulo, mais especificamente no bairro Jardins, uma região de bares, boates, restaurantes e pontos de passagem, que, juntos, formam um circuito homossexual e lócus de determinadas práticas.

A frequência de homossexuais nestes espaços se dá de maneira intensa durante todo o ano, mas durante a Parada Gay aumenta, devido a grande quantidade de turistas que buscam a socialização e a identidade. A partir daí é possível pensar que a intensificação do uso do espaço durante

a Parada Gay, coloca-se, pelo menos em nível simbólico, como um momento de expressão da diversidade gay, em que variadas e múltiplas identidades, comportamentos, posturas e noções podem ser reconhecidas.

A primeira Parada Gay em São Paulo foi organizada em 1997, com o tema: "Somos muitos, estamos em todas as profissões", reunindo duas mil pessoas. Em um primeiro momento caracterizava-se como "alternativa" e contava com a participação de militantes e adeptos da contra-cultura³.

No ano seguinte, sob a temática: "Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos", conseguiu aproximar cerca de sete mil pessoas. E em 1999, "Orgulho gay no Brasil, rumo ao ano 2000", 35 mil pessoas.

Em 2000, sob o tema "Celebrando o orgulho de viver a diversidade", os militantes organizaram uma série de eventos que antecediam a Parada. Para eles, educar é preciso e o desafio foi vencido: 120 mil pessoas celebraram o orgulho naquele ano.

Em 2001, o evento, segunda a Polícia Militar de São Paulo, leva 200 mil pessoas para as ruas e junto com a multidão desfila a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy. Além disso, surge o Gay Day no parque de diversões Hopi Hari, que levou 8 mil GLBT às montanhas russas, roda gigante e afins. Em 2001 e 2002, o número de participantes dobrou e levou à Avenida Paulista 250 e 500 mil pessoas respectivamente, abraçando a temática da Diversidade.

Em 2003, 2004 e 2005 a militância direcionou seus esforços para as políticas públicas voltadas para os homossexuais, buscando a formação de famílias e parcerias civis. Tendo recordes de público a cada ano, em 2005 concentraram-se na Avenida Paulista 2,5 milhões de pessoas.

A Parada do Orgulho GLBT de São Paulo é organizada por uma entidade única,

¹ Ângela Smaniotto Chiochetta, graduada em Jornalismo pela PUC – PR, Tecnologia de Artes Gráficas pelo UTFET-PR, especialista em Marketing pela FAE Business School e mestranda em Comunicação pela UFPE – PE, docente em cursos de turismo e jornalismo. angelasc@uol.com.br (81 9639-6706)

² Daniella Tebar Avena, graduada em Turismo pela UFPR, especialista em Gestão e Planejamento Turístico pela UFPR e mestre em Hospitalidade pela Anhembi-Morumbi, coordenadora do curso de Turismo da FAP – Faculdade de Apucarana PR danielatebar@hotmail.com (43 8405-1157)

³ Aqui considerado a maneira de quem vive em sociedade.

² A sigla significa Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros.

³ Manifestação de repúdio à ordem estabelecida.

a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo. Seu objetivo primeiro é dar visibilidade às categorias sócio-sexuais e fomentar a criação de políticas públicas para homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais. A principal estratégia é ocupar os espaços públicos para proporcionar uma troca efetiva entre todas as categorias sociais, elevar a auto-estima dos homossexuais e sensibilizar a sociedade para o convívio com as diferenças.

A cada ano, percebe-se que o trabalho de conscientização e educação para o respeito à diversidade tem buscado frutos positivos na erradicação do preconceito. É nesse momento que os homossexuais, unidos, tentam construir e garantir a plenitude de seus direitos.

A bandeira com as cores do arco-íris, que simboliza a comunidade gay em várias partes do mundo, sempre esteve presente nas nove edições do evento.

Em todos os continentes, as Paradas do Orgulho GLBT figuram entre as mais importantes expressões das culturas populares dos países em que são realizadas, mostrando a força que o movimento adquiriu mundo afora. As mais importantes são realizadas nas grandes capitais européias e norte-americanas.

A atividade turística durante o evento

Para analisar a atividade turística gerada durante a Parada Gay de São Paulo, cabe ressaltar aqui como um pequeno evento, concebido em 1997, pode tomar uma proporção tão imensa até 2005.

Neste período, uma série de mudanças sócio-econômicas e política do país contribuiu para tal transformação. A homossexualidade, no Estado de São Paulo e em muitos outros do Brasil, já havia atingido visibilidade, marcada pelo surgimento de uma certa sociabilidade homossexual.

Grupos sociais e militantes começam a reivindicar voz política e qualidade de visível na sociedade.

Nesta década, muitos bares, boates, saunas e restaurantes são destinados a homens e mulheres que compartilhassem uma sociabilidade gay, em uma ação sistemática de ocupar territórios, tornando-os quase exclusivamente voltados para homossexuais.

Centro financeiro de São Paulo, cheia de glamour e ostentação, características sempre presentes no universo gay, o bairro dos Jardins tornou-se uma referência para esta parcela da população. O que se identifica na região é conhecido como um roteiro, um conjunto de ruas e de estabelecimentos comerciais, chamado vulgarmente de "pegação" ou seja, uma área para encontros e contatos iniciais. Hoje se consolida em uma região conhecida como território gay, marcado pela interação nada camuflada de pessoas do mesmo sexo, gerando um reduto gay na cidade. Por meio destes estabelecimentos comerciais, o Jardins ficou conhecido e identificado como território gay, mas não exclusivamente.

A determinação do "pedaço" traz a possibilidade de visibilidade para certos comportamentos. De acordo com Certeau (1990), os indivíduos submetidos às opressões globais da sociedade moderna, principalmente a sociedade urbana, criam "manhas das artes de fazer", as quais permitem desviar-se delas, usá-las e, por uma espécie de elaboração diária, traçar aí seu cenário e seus itinerários particulares. Assim sendo, espaços públicos começam a ser ocupados por manifestações gays explícitas que, de certa forma, contribuem para uma tolerância maior à homossexualidade, principalmente nos dias antecedentes à Parada Gay. Neste período pode-se observar uma intensificação da sociabilidade de gays e lésbicas (GREEN,

2000). Porém, é interessante averiguar que grande quantidade de pessoas não freqüentam estes territórios e, no entanto, desenvolvem outros laços de sociabilidade, não significando uma vida homossexual reclusa e reprimida. Há também uma outra face desta questão, principalmente se analisada pela perspectiva da homossexualidade masculina, que as pequenas multidões que podem ser vistas nos guetos gays das capitais do Brasil, significam muito pouco diante do número e de práticas homossexuais não assumidas no país e em toda a América Latina (TREVISAN, 2000).

Neste evento, há uma grande quantidade de turistas, de pessoas não conhecidas dos paulistanos e que freqüentam este "pedaço" durante os dias antecedentes à Parada Gay. A cada Parada, eles são mais numerosos, pois a divulgação e a mídia intensa são feitas nos principais veículos de comunicação e em agências de turismo especializadas. A principal característica da Parada Gay e dos dias antecedentes a ela é que práticas comumente restritas a ambientes fechados, bares e boates gays, ganham as ruas, onde demonstrações de afeto e carinho entre homossexuais marcam o lugar, o território.

O que se observa é que para muitos homossexuais, a Parada Gay de São Paulo é um momento de inversão, onde este gay pode traduzir para a rua o que reproduz em casa, recluso, considerando aqui o que faz sem preconceitos e repúdios, onde é aceito e sente orgulho (GREEN, 2000). Mais do que isso, o evento propicia a oportunidade para intensificar suas experiências como indivíduos e acabam por transgredir os papéis de gênero e fronteiras sexuais socialmente aceitas.

As pesquisas que retratam e analisam a homossexualidade, buscam na territorialidade a possibilidade de pensar os sujeitos sociais não como ocupantes de

papéis rígidos de uma estrutura social, mas na sua relação com o espaço físico e simbólico, pois se percebe que é nestes espaços que a sociabilidade se inscreve e dá significado ao ator (PERLONGHER, 1987). Vale ressaltar, também, que a territorialidade não se aplica somente a espaços físicos, mas sobretudo a um espaço do código, incluindo o que se faz e o que se pode fazer neste lugar.

Percebe-se durante o momento do evento, que a Parada Gay é uma grande festa popular. Em todos os anos, trios elétricos das discotecas mais badaladas da cena gay paulistana saem na Avenida Paulista. Há moradores da cidade, gays ou não, freqüentadores assíduos do pedaço homossexual e outros nem tanto, e uma grande quantidade de turistas. Nos trios elétricos não há fronteiras entre um público e outro, apesar de ser possível identificar variantes da homossexualidade: drag queens, travestis, barbies (homossexuais musculosos), homossexuais efeminados, lésbicas, ursos (homossexuais gordinhos e peludos), entre outros; mas se percebe concentrações de grupos em determinados trios elétricos e pontos da Avenida Paulista. Não se trata de uma separação, mas de uma forma de ocupação do espaço, que pode revelar como estes atores se dividem dentro de um contexto maior: a homossexualidade. Em todos os grupos, casais demonstram afeto de forma explícita.

Aqui, levantou-se o papel dos empreendedores turísticos atuantes durante a Parada Gay. Percebeu-se a presença de uma campanha publicitária intensa sobre a venda de produtos turísticos e, especificamente, hoteleiros. E, conseqüentemente, as empresas turísticas que se localizam no "pedaço" recebem um enorme número de turistas homossexuais durante o evento. Todos os empreendimentos hoteleiros têm o interesse

de vender o seu produto nesta época, pois comumente, os homossexuais costumam gastar mais pelo fato de não constituírem família. Também se verificou uma especulação acerca dos preços das diárias e refeições em restaurantes badalados na época do evento.

Voltando à questão apontada no parágrafo anterior, como reage o hoteleiro interessado em lotar seu estabelecimento, gerar renda e empregos, e se depara com casais homossexuais trocando carícias e contatos, "pegações" e paqueras durante a estadia em seu hotel?

Freqüentemente ouvem-se relatos de constrangimento que turistas homossexuais sofrem em hotéis e estabelecimentos congêneres. Como dois homens solicitariam aposentos com uma cama de casal sem que viessem a ser alvo de comentários e olhares indiscretos de funcionários? Não raro, ouvem-se comentários de pessoas ou organizações que buscam serviços turísticos para um grupo GLBT e quando externam quem deverá ser atendido, recebem respostas negativas, sob protestos de risco de perda dos clientes tradicionais.

A questão analisada reporta-se ao movimento turístico gerado durante a Parada Gay. Percebe-se que a Parada Gay significa para os homossexuais um dia para extrapolar todo o preconceito e a clandestinidade arraigada em cada indivíduo homossexual. Nos dias que antecedem o evento, a cidade de São Paulo fica caracterizada como gay, eles se fazem presentes em todos os lugares, mostrando ao mundo sua identidade, gerando uma visibilidade muitas vezes mal compreendida pela sociedade heterossexual.

De acordo com Augé (1994), além do peso maior dado hoje à referência individual, ou a individualização das referências, é aos fatos de singularidade que se deveria prestar

mais atenção. O autor exemplifica citando a singularidade dos objetos, dos grupos ou das pertinências, bem como a recomposição de lugares. E são exatamente estas singularidades que constituem o contraponto paradoxal dos processos de relacionamento, de aceleração e de deslocalização muito rapidamente reduzidas e resumidas por expressões como "homogeneização" ou "mundialização" da cultura, levando-se em consideração que o discurso presente desde a primeira Parada Gay remete diretamente às questões de respeito à igualdade de direitos.

Ora, a oportunidade para reivindicar direitos, leis e fazer protestos é válida no contexto de uma sociedade capitalista e machista. Porém, ninguém tem o interesse de vislumbrar "amassos" e "pegações" entre pessoas do mesmo sexo, tampouco de sexo opostos.

Muitos empresários turísticos relataram que têm o interesse de receber este público e se consideram preparados para tal. Porém, o grande problema enfrentado por eles, principalmente os hoteleiros, é a grande quantidade de homossexuais hospedados e interessados em se divertir, em transpor a barreira do preconceito. São comuns relatos de participantes de Paradas Gays que foram até a Avenida Paulista para prestigiar o evento e acabaram voltando estupefatos, diante de cenas de sexo, vulgaridade e atentados ao pudor. Também são comuns famílias inteiras que foram, levaram seus filhos, seus parentes e viram uma festa colorida, alegre e dançante.

Para alguns homossexuais, a Parada Gay reflete um momento de igualdade, de se igualar à sociedade heterossexual predominante. Vale aqui ressaltar que a igualdade não quer dizer idêntico, mas sim, o que tem o mesmo valor. E que igualdade é essa que precisa ser conquistada a base de choques, cenas de constrangimento social,

de nudez?

Ao vivenciarem situações liminares, onde a característica principal é a ausência de regras estabelecidas, um momento de transição, de estar num limite onde não existem fronteiras, como a Parada Gay, alguns podem extrapolar e levar esta liminaridade a uma vida homossexual sem regras e hierarquias. Como em qualquer grupo, regras e ritos existem nos territórios que formam o pedaço gay de São Paulo. A liminaridade, como uma ausência de regras, no entanto, vai se dar na relação entre as sociabilidades que se formam durante a Parada e da impossibilidade de se concretizarem abertamente fora dela, ou seja, as interações afetivo-sexuais que se contrefizam ali, não vigoram as regras de uma sociedade heteronormativa.

Tal marginalidade pode ser positiva quando se consideram atitudes criativas à opressão social, podendo serem reconhecidas nelas formas que se revelam militantes no questionamento dos padrões sociais. A noção de militância não se resume a atitudes politicamente organizadas, pode-se considerar também uma forma de militância um beijo homossexual romântico em uma via pública ou um transexual exibindo sua feminilidade.

Assim sendo, a Parada Gay de São Paulo, por apresentar uma gama de sociabilidades comuns ao território gay, intensifica-as neste período, e as coloca em um nível simbólico, como expressão da diversidade (AMARAL, 2001). Ela dramatiza esta diversidade em comportamentos e identidades, permitindo a todos conhecê-la, mediando domínios inconciliáveis do cotidiano e apontando para a possibilidade de uma experiência menos segregada.

O compromisso social e a diversidade

Neste ponto, é importante analisar a evolução da homossexualidade na História da Humanidade. Até o século XVII, havia uma certa tolerância relacionada à homossexualidade. Foucault (1997) mostra que com a ascensão da família burguesa vitoriana, o Ocidente começa a passar por períodos de repressão, onde a sociedade capitalista estabelece que o sexo serviria apenas para reprodução e, ainda, vigiado pelo Estado, Igreja e Ciência.

A sexualidade, de forma geral, começa a ser entendida como definidora dos indivíduos socialmente. A partir do século XIX, o aparecimento na psiquiatria, no direito e na literatura, de uma série de discursos sobre as espécies da homossexualidade, a inversão, pederastia, sodomia, permitiu um avanço marcado pelos controles sociais.

Formam-se, assim, as bases para a noção de homossexualidade, que se consolida em 1869, na Alemanha, com a criação clínica do termo homossexual pelo médico húngaro Carola Benkert (FRY & MacRAE, 1985).

A partir dos anos 50, no século XX, uma série de transformações na cultura ocidental faz com que a questão homossexual saia do discurso unicamente médico e de doença. MacRae (1990) atenta para a crescente visibilidade da população adepta de práticas homossexuais, a exploração comercial que se deu em torno deste público e o desenvolvimento de uma moderna subcultura gay. Nesta época, ganham força os discursos políticos inflamados em favor da homossexualidade defendendo a visibilidade e o ato de se assumir visto como forma de conquista de cidadania.

Muitos pesquisadores brasileiros chamam atenção para o fim da década de 70 como um marco na politização da homossexualidade no Brasil, período

marcado por edições de jornais e publicações especializadas revolucionando o que era dito até então no país. Não só no âmbito editorial, mas também no movimento de abertura política, surgindo vários grupos e organizações homossexuais, como o Grupo SOMOS -Comunicação, Saúde e Sexualidade e o Grupo Gay da Bahia.

As discussões sobre a homoafetividade no Brasil desenvolveram-se por meio de algumas estratégias diferentes durante três décadas, usando como referência as lutas sociais promovidas pelas ONG's e lutas pessoais de homens e mulheres homossexuais.

A mídia teve um papel fundamental na construção da visibilidade e na problematização de tal assunto na sociedade brasileira, pois sua ação direta pode ser sentida através da importância dada ao tema em noticiários, novelas e revistas. Neste contexto, é possível se destacar dois assuntos mais relevantes: a união civil e a adoção de crianças. Por meio de lutas individuais e de ONG's, problemas políticos foram expostos tais como: limitação de direitos civis e homofobia (violências físicas e simbólicas sofridas pela comunidade gay).

Neste contexto, o Brasil foi impulsionado a desenvolver um projeto político objetivando a paz, através da igualdade de direitos e da justiça social. Dentro desta perspectiva, tanto o atual Governo quanto o anterior, inseriram na pauta a questão homossexual. Sendo assim, as concepções de indivíduo e de diferença tornaram-se norteadoras para pensar a sociedade e os direitos civis, tomando as diferenças sociais, étnicas e de identidade sexual como fatos importantes para garantir o direito do indivíduo.

Considerações finais

A leitura da ação social promovida durante a Parada Gay de São Paulo,

aponta algumas especificidades de relações do mesmo sexo num contexto local e também nacional.

A separação no espaço de diferentes categorias de participantes na Parada (efeminados, travestis, lésbicas, ursos, etc) revela a intensificação da segmentação destes grupos. Juntos no mesmo espaço e separados ao mesmo tempo, eles dramatizam a idéia que formam uma comunidade (PARKER, 2002), uma vez que, para a sociedade, como um todo, e para eles mesmos, são todos homossexuais. A diversidade dentro da categoria homossexual é imensa e tentar identificá-los dentro de uma mesma espécie significa tentar reduzir sua complexidade.

O lugar da homossexualidade na cultura brasileira pode ser percebido nesta dramatização territorial, que revela uma experiência intermediária na ordem estrutural do mundo, ocupando espaços marginais, mas não clandestinos, pela falta de lugares legítimos. É o que traz para a vivência desta parcela da população uma liminaridade, uma ausência de regras bem definidas, um momento de suspender as regras estruturais impostas ou aceitas pela sociedade.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Rita. Festa brasileira: o sentido do festejar num país que não é sério. Disponível em publicação eletrônica: www.aguaforte.com/antropologia/festabrasileira/festa.html Capturado em 17/02/2006.
- AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade; trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- CERTEAU, Michel. L'invention du quotidien. Arts de Faire. Gallimard. "Folio - Essais", 1990.
- FOUCAULT, Michael. A história da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1997.

- FRY, Peter. O que é homossexualidade. São Paulo: Coleção primeiros Passos, 1985.
- GREEN, James N. Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil século XX. São Paulo: Unesp, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme & TORRES, Lílian. Na Metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo, FAPESP, 1996.
- PARKER, Richard. Abaixo do Equador: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso. Rio de Janeiro: Record, 2000.